



A MULHER E AS “RAÍZES” DA DESIGUALDADE NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Luzinéa de Maria Pastor Santos Frias¹

RESUMO: Estudo sobre o papel da mulher na formação da sociedade brasileira e a questão desigualdade social entre homens e mulheres nesse processo. Evidencia os elementos da desigualdade social como a religião e o patriarcado. Destaca elementos da obra Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda a fim de identificar o papel da mulher na formação da sociedade brasileira através da ótica do autor. Ainda que a obra tenha sido escrita num período em que as mulheres já empreendiam lutas no sentido de participar pela busca do voto e outros direitos, o sujeito feminino na obra de quase invisível na obra do autor.

Palavras-chave: mulher, desigualdade social, formação da sociedade, patriarcado.

ABSTRACT: Study about women's role in the formation of Brazilian society and the social inequality question between men and women in this process. It highlights the elements of social inequality as religion and the patriarchy. Highlights elements of the work Brazil's Roots by Sérgio Buarque de Holanda to identify women's role in the formation of Brazilian society through the author's vision. Although the work was been written at a time when women already have waged struggles in order to participate the pursuit of vote and other rights, the female subject is almost invisible in the author's work.

Key words: women, social inequality, society education, patriarchy.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: lfrias9@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca fazer algumas reflexões sobre o papel da mulher na sociedade brasileira trazendo inicialmente breves considerações sobre esse papel na história, em particular a condição de desigualdade que ainda permeia o universo feminino e posteriormente fazer um paralelo entre esse papel na obra de um dos autores que foi um dos protagonistas em discutir a formação da sociedade.

Nesse contexto, faz-se um aporte da obra de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Perceber como o autor, um dos grandes intelectuais que buscou explicar o Brasil, inclusive para os brasileiros, identificou esse sujeito feminino no contexto da formação da sociedade.

No Brasil, apesar de quantitativamente as mulheres (51,5% da população) ocuparem um espaço maior que o homem (IBGE , 2012). Isso não significa um situação de igualdade para a mulher.

De acordo com os dados do IBGE (2008, 2012), o excedente de mulheres em relação aos homens era de 2,5 milhões em 2000 e em 2050 poderá atingir quase 7 milhões.

As trabalhadoras brasileiras, no entanto são as que sofrem com maior diferença salarial em relação aos homens no mundo todo, com 34% de variação entre as remunerações de ambos os sexos (ICFTU, 2009). Mais da metade (59%) dos desocupados em 2011 eram mulheres (IBGE, 2012).

Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego – PME do IBGE, janeiro de 2008 nas seis regiões metropolitanas, quanto maior a escolaridade das mulheres, menor o percentual de rendimentos.

O desenvolvimento econômico, com suas conseqüências, somado ao agravamento das condições de vida e à quebra de muitos tabus e preconceitos, contribuiu para a entrada de um número crescente de mulheres na produção social.

No entanto, esse tipo de desenvolvimento determina, em relação ao trabalho da mulher, algumas características negativas que são identificadas principalmente nos períodos de crise econômica, as quais trazem conseqüências para o seu status econômico e social. Entre elas, sua utilização como exército de reserva que os capitalistas empregam segundo suas



conveniências e sempre como mão de obra subpaga; seu afastamento dos setores mais dinâmicos da produção social.

Para discutir o papel da mulher na formação da sociedade e sua condição de desigualdade social, se faz necessário primeiramente entender as origens dessa condição que remontam à própria história da humanidade. É campo complexo e dinâmico de formalizações teóricas, conceituais que vai se alterando e se atualizando com o passar do tempo, porém ainda em construção.

Nesse sentido, o trabalho foi dividido em duas partes além da presente introdução. A primeira versa sobre a origem da desigualdade entre homens e mulheres, contemplando alguns referenciais teóricos sobre o tema. A segunda parte traz considerações sobre a mulher no processo de formação da sociedade brasileira, tendo como enfoque a obra de Sérgio Buarque de Holanda. Encerrando tem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. DA DESIGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES

Duas fontes são foram trazidas neste trabalho para discutir a desigualdade entre homens e mulheres: a religião e o patriarcado.

A religião sempre fez parte da vida do homem, de forma institucionalizada ou não. A tradição religiosa e moral judaico-cristã, influenciou sobremaneira a cultura no Ocidente, e é nitidamente marcada pela hegemonia masculina; o Deus dos hebreus é masculino, assim como os seus profetas. A mulher é considerada um ser inferior, impura, alijada da participação na religião e é propriedade do homem como seus animais.

Os inquisidores Kramer e Spencer no seu tratado sobre bruxaria, o *Maleus Maleficarum*, escrito em 1484, estabelecem:

Convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, de uma costela do peito, cuja curvatura, é por assim dizer, contrária à retidão do homem. E, como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepçiona e mente. (KRAMER; SPENCER, 1484. p. 116).

Segundo afirma Haughton (1990), a área mais difícil para o cristianismo reconhecer e responder foi o papel da mulher, posto que a mensagem e a sua prática descrita pelos evangelistas exigia uma mudança radical a ser enfrentada por uma sociedade patriarcal.



O patriarcado, é a forma de dominação da mulher pelo homem, caracterizada pelo vínculo entre os dois, através de um filho, cuja primazia era do homem.

A passagem do sistema matriarcal para o patriarcal seria o ponto crucial para o processo de dominação da mulher, pois nesse sistema a mulher perde a sua supremacia e autonomia, tornando-se escrava de pais, irmãos e marido.

No entanto, o papel dominante atribuído à mulher, nas chamadas sociedades matriarcais, já foi questionado por Vaistman (1989), e outros autores, os quais entendem que sociedade matriarcais nunca existiram, havendo na verdade sociedades matrilineares, onde a descendência da prole era dada pela mãe, ainda assim, sem exercer autoridade.

O caráter do patriarcado foi descrito por Foucault (1984, p.132), em relação ao homem grego, quando afirma que a despeito do vínculo matrimonial contraído o homem tinha todos os direitos “pode frequentar prostitutas, pode ser amante de um rapaz – sem contar os escravos, homens ou mulheres que tem em sua casa, à sua disposição”

Em Roma, o homem era detentor de todos os poderes, entendido como a mulher, os filhos, os servos e os escravos. “O Direito transforma-se na civilização romana, em um instrumento de perpetuação da assimetria, legitimando a inferioridade da posição social da mulher”(COLLING, 2004)

A história nos mostra uma situação de inferioridade da mulher na sociedade é reconhecida há bastante tempo, porém ainda há a necessidade de desconstrução de condições que parecem naturalizadas no interior da sociedade.

3. A MULHER EM RAÍZES DO BRASIL

O livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, foi publicado em 1936, período de profundas mudanças no Estado brasileiro tanto no plano econômico como político. No primeiro caso, o incremento da indústria e declínio das atividades rurais e no segundo a Revolução de 30 possibilitando a participação da classe média e da burguesia no cenário político nacional.

O livro é considerado inovador no sentido de buscar tanto construir uma identidade nacional, como a essência do homem brasileiro, construindo um panorama histórico. O livro é dividido em sete capítulos.



Os dois primeiros capítulos, as *Fronteiras da Europa e Trabalho e Aventura* mostra que os países Ibéricos ficavam um pouco à margem do resto da Europa, havendo mais igualdade entre os homens, por isso a mentalidade da nascente burguesia mercantil se desenvolveu lá primeiro. O autor considera que os portugueses estavam mais aptos para a missão no Novo Mundo. e descreve dois tipos de homens: aventureiro com gosto pela aventura e que foi o que possibilitou a conquista do Novo Mundo e um outro homem, o trabalhador com uma visão mais restrita do mundo.

É portanto, no terceiro capítulo, que Sérgio Buarque de Holanda vai caracterizar a estrutura da sociedade colonial que era rural. Ou seja, o poder era centrado nas mãos dos senhores rurais e como esses homens eram contra a supressão do tráfico de escravos, este se manteve até 1850. Os senhores de engenho eram sinônimos de solidez dentro da sociedade colonial. O engenho era um organismo completo, uma micro sociedade. O patriarca era quem dominava o resto da sociedade. Como a sociedade rural colonial era um grupo fechado, onde um homem dominava, as leis não entravam; os senhores tinham domínios irrestritos sobre seus “súditos”.

Dentro desse contexto a situação da mulher como “propriedade” dos homens acabava sendo submetida às suas leis.

Na organização patriarcal rural,] o pátrio poder é virtualmente ilimitado e poucos freios existem para sua tirania. Não são raros os casos como o de um Bernardo Vieira de Melo, que, suspeitando a nora de adultério, condena-a à morte em conselho de família e manda executar a sentença, sem que a Justiça dê um único passo no sentido de impedir o homicídio ou castigar o culpado, a despeito de toda a publicidade que deu ao fato o próprio criminoso. O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública.” (HOLANDA, 1995, p.82).

A condição da mulher brasileira era tão inferior que sua posição na escala social podia ser comparada à de um cão.

[...] Cercado de escravos, o brasileiro habitua-se a não ver senão escravos entre os seres sobre (*sic*) os quais tem superioridade, seja pela força (*sic*), seja pela inteligência. A mulher é, muitas vezes (*sic*), a primeira escrava da casa, o cão é o último. (SAINT-HILAIRE, 1940).

Essa situação está inter-relacionada à própria construção dos direitos civis no Brasil, uma vez que estes basicamente, até 1890, eram uma extensão dos de Portugal, isto é, eram regidos pelas Ordenações Filipinas. O primeiro Código Civil Brasileiro só vigorou a partir de 1917.



No que diz respeito ao adultério, as Ordenações Filipinas (Livro V, tit. XXXVIII) estabelecem que: "Achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela, como o adúltero".

A mulher cabe a função de rainha do lar, educadora dos filhos e principalmente subordinada e totalmente submissa ao seu marido. O discurso que à mulher cabe o âmbito privado ganha força com o advento da modernidade. Segundo Perrot:

As fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram. Elas mudam com o tempo. Sua evolução, a fragilidade do seu equilíbrio, a tendência global à privatização com fases alternadas de "público" e "privado" são um dos principais temas da reflexão contemporânea, ilustrada principalmente por J. Habermas, R.Sennett, Hirschman. O século XIX liberal marcaria um divisor na questão, mesmo que a "sociedade civil", entre o Estado e o indivíduo privado, continue a ser, pelo menos na França, um conceito um tanto vago.[...] Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade entre todos os indivíduos. As mulheres não seriam "indivíduos"?(PERROT, 1988, p.720.

Tal questionamento está ausente em *Raízes do Brasil*.

O *Semeador e o Ladrilhador* que constitui o quarto capítulo do livro, mostra as diferenças entre portugueses e espanhóis e as características de suas colonizações. Ladrilhador e o semeador, ou seja, o espanhol, previdente e adepto do planejamento, e o português, desprovido dessas características

O *Homem Cordial*, a cordialidade que seria uma contribuição brasileira, não é sinônimo de civilidade, de polidez, mas que vem de cordes, coração. O rigor é totalmente afrouxado, onde não há distinção entre o público e o privado: todos são amigos em todos os lugares. No sexto capítulo, o autor refere que há um grande desejo na sociedade atual em alcançar prestígio e dinheiro sem esforço. Finalizando a *Nossa Revolução* é uma crítica do Brasil, um país pacífico, brando. Julgamos ser boa a obediência dos regulamentos, dos preceitos abstratos.

Essa é de forma sumária o contexto da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Na obra, o ser feminino é quase invisível, negado mesmo, quando somente refere-se a sociedade do homem e as mulheres são ausentes. Na verdade o feminino não é da ordem do descrito, ela não está no texto, ela não faz parte do discurso. Quando esse sujeito é citado ele se coloca na condição de não-sujeito, um elemento, onde sua condição de inferioridade parece naturalizada no discurso, não há inquietação e discussão desse papel, ou está inscrito como a figura materna.



4. CONCLUSÃO

As mulheres brasileiras continuam sendo vítimas de discriminações que pesaram e ainda pesam sobre a condição feminina. A história da humanidade é atravessada pela condição de desigualdade da mulher em relação ao homem. Várias mudanças ocorreram ao longo do tempo de forma bastante positiva, entretanto não foram suficientes para retirar a mulher da condição de desigualdade, exploração e opressão.

Na obra de Sérgio Buarque de Holanda, estão delineados as nuances comportamentais da sociedade brasileira, pautada pela influência portuguesa e espanhola. O autor percorre a história através dos traços culturais do povo brasileiro. Os aspectos culturais são muito bem explicitados pelo autor, porém a cultura não passa pelo feminino. As tensões são negadas, não existe o outro sujeito, além do masculino.

REFERÊNCIAS

COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: Colling, MN Strey, STL Cabeda, DR Prehn. **Gênero e cultura: questões contemporâneas** books.google.com, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol I. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HAUGHTON, Rosemary. **A Libertação da Mulher**. Petrópolis: Vozes, 1990.

HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade** – O olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 12 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

_____. *Raízes do Brasil*, 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995..

IBGE: **Projeção da População do Brasil Comunicação Social**
27 de novembro de 2008

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1272.

IBGE: **PNAD, 2011**.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40

KRAMER, Heinrich; SPENCER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Escrito em 1484. Tradução de Paulo Fróes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.

Ordenações Filipinas on-line. Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/l5ind.htm>



PERROT, Michele. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil*, província cisplatina e missões do Paraguai, Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940. (Biblioteca Histórica Brasileira, 2)p.137-8.

VAITSMAN, Jeni. *Biologia e história (ou Por que a igualdade é possível)*. In: LABRA, Maria Eliana (org) *Mulher, Saúde e Sociedade no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989. –

Relatório da Confederação Internacional dos Sindicatos-ICFTU, 4/3/2009).